

DE ADVÉRBIO A JUNTOR: INVESTIGANDO A TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO DO CONECTOR *PORÉM*

Camilo Rosa Silva
(PROLING-UFPB)
camilorosa@gmail.com

Introdução

O estudo dos conectores evidencia processos de mudança linguística, em curso ou consolidada, apontando o caráter dinâmico da língua e a fluidez que o módulo gramatical apresenta, atestando que não somente o léxico está vulnerável a variações e modificações em sua estrutura e função.

O objeto de análise deste trabalho é o conector *porém*, um dos mais recorrentes nas construções opositivas, considerando tanto sua trajetória remota quanto a recente. Tentarei identificar as subfunções desempenhadas pelo item, cogitando atestar sua relevância enquanto elemento articulador de informações contrapostas no fluxo discursivo. Examinarei, para tanto, ocorrências coletadas em um *corpus* de língua escrita, constituído por editoriais jornalísticos¹, focando a observação de aspectos sintático-semântico-discursivos, que subsidiem a perspectiva de sua trajetória de gramaticalização.

A análise é fundamentada em pressupostos básicos da linguística funcional, especialmente, no que diz respeito à análise da mudança por gramaticalização (TRAUGOTT; HOPPER, 1993), partindo da observação das situações de usos reais dos itens linguísticos para propor sua categorização.

O artigo está organizado em três seções: na primeira, exponho os Aspectos históricos do conector *porém*; na segunda, apresento os Fundamentos da mudança por gramaticalização e, na última, uma Síntese da gramaticalização do *porém*.

1. Aspectos históricos do conector *porém*

No Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa, de Silveira Bueno (1966), o *porém* é considerado conjunção adversativa, de valor igual a *mas*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*, *não obstante*, assinalando sempre um contraste. Segundo o autor, *porém* é resultante da condensação da frase *por ende*, “expressão partitiva equivalente a por isso (daquilo que se estiver tratando).” O item sofre justaposição e apócope, passando de *por ende* e *porende* a *porén*. Bueno entende que a equivalência

¹ O *corpus* “Editoriais Jornalísticos do Século XX na Paraíba” foi constituído como parte do Projeto de Doutorado desenvolvido por mim, na UFPB, 2002-2005, e compõe-se de 180 editoriais do Jornal A União, que circula em João Pessoa-PB, desde finais do Século XIX.

primitiva a *por isso* justifica o fato de, em textos arcaicos, clássicos e inclusive em Os Lusíadas, o termo aparecer ladeado pelo *mas*². Para Antônio Geraldo da Cunha (1982), o *porém* é uma conjunção, equivalente a *contudo* e *todavia*, sendo forma surgiu no século XIV, oriunda de *porende*, que, por sua vez, é a justaposição de *por* + *ende*, bastante frequente no português medieval, a partir do século XIII.

Já o Dicionário Etimológico de Antenor Nascentes (1966) apresenta o *porém* como sendo proveniente da forma latina *porinde*, significando *portanto*, *por conseguinte*, através do arcaico *porende* (por isso, com apócope).

Segundo Barreto (2002), no Brasil, *pero* e *porem* ocorrem, no séc. XVI, tanto para estabelecer relação de conclusão e explicação, como para expressar relação de contrajunção, função na qual prevalece, quantitativamente, a forma *pero*. Ainda segundo a autora, é nesse século que o *porém* passa a predominar em usos contrajuntivos, embora seja também corrente seu uso como reforço conclusivo-explicativo.

Assinalando uma relação de desigualdade entre elementos coordenados, o conector *porém*, tal como ocorre com outras conjunções adversativas, restringe seu escopo a dois segmentos.

Perini (2002) destaca que as orações coordenadas com *porém* exigem pontuação, sendo o ponto e vírgula o sinal mais indicado. Repara que o item pode ocorrer em outras posições que não o início da segunda oração coordenada. Observa, ainda, que *porém* não pode coordenar sintagmas nominais. Além disso, o autor percebe nuances no comportamento do termo que melhor o acomodariam na classe dos advérbios, mesmo reconhecendo a dificuldade de definição dessa classe.

No *corpus* examinado, o *porém* apresenta grande variedade de colocação estrutural, mas mantém sempre seu valor opositivo. Vejamos alguns exemplos:

- (01) No caso dos trabalhos de terraplenagem de acesso ao Poço, a Prefeitura de João Pessoa antecipou-se ou melhor, foi ao encontro das necessidades do município de Cabedelo, **porém** visando ao bem estar dos pessoenses que fazem uso sistemático da estrada. (A UNIÃO - João Pessoa, 18 de junho de 1972)
- (02) A primeira impressão dominante era a de que iríamos mergulhar numa fase das mais profundas perturbações económicas. Tal **porém** não se deu até agora nem se dará. (A UNIÃO – João Pessoa, 18 de outubro de 1939)
- (03) Ao que nos informou o autor do ante-projecto, contém este 600 artigos, não figurando, porém, o processo especial quanto á pessoa do Presidente do Estado, por depender o assumpto da Cosntituição Federal.

² Silveira Bueno (1966) tece contundente crítica àqueles que enxergam nesse uso um problema linguístico, afirmando: “Os menos conhecedores da história do nosso idioma dão como sendo pleonasmos. Não há pleonasmos algum, pois a adversativa é somente *mas*, sendo *porém*, o partitivo *por ende*, isto é, por isso: *mas porém* = *mas por isso*. Nas gramáticas pé de ponte é costume proibir-se a colocação de *porém* no início da frase, exigindo-se que venha sempre depois, pelo menos, do primeiro termo da oração. Tal ensino é absolutamente errado. Os exemplos dos clássicos podem ser repetidos *ad nauseam*. Bastem Estes: “*Porém* se sucedesse alguma vez não ser assim...” (Vieira. Terceira Dominga da Quaresma). “*Porém* todas estas cousas verdadeiramente grandes e espantosas e nunca vistas...” (Vieira. Primeira Dominga do Advento. Porém nós como morremos?)”

Nada impede, **porém**, que, promulgada a nova constituição, seja o caso regulado em lei especial do Estado. (A UNIÃO – João Pessoa, 19 de janeiro de 1932)

O item *porém* pode ser usado para estabelecer oposição entre duas qualidades atribuídas ao mesmo ser. Nesse caso, não há relação estabelecida entre orações, mas entre adjetivos, como na ocorrência:

- (04) Fechando o Lyceu Parahybano, o sr. Presidente do Estado inspirou-se tão só nos excessos que os moços praticaram esta semana, ao mesmo tempo que telegraphavam para o Rio exagerando as circunstancias do assassinato de Sady, facto realmente barbaro **porém** faciado, e que devia e deve correr por culpa exclusiva e pessoal de seu auctor. (A UNIÃO – Parahyba, 27 de setembro de 1923)

Usado como elemento relacional que contrapõe termos, orações e segmentos ainda maiores, tais como frases ou parágrafos constituídos por várias frases, classifico o *porém*, nesta análise, como item conectivo, embora reconheça que o termo não se encontra, de todo, isento de resquícios de sua origem adverbial.

Anotadas essas informações relativas à origem e a funcionalidade básica do conector, alçarei, na sequência, notas referentes aos fundamentos teóricos do processo de gramaticalização.

2. Fundamentos da mudança por gramaticalização

A gramática, na perspectiva funcional, constitui-se num sistema formado pelas regularidades resultantes de pressões variadas, considerando-se os aspectos discursivos e pragmáticos que lhes são inerentes. Tem-se, então, um formato de gramática flexível, que não se pode dissociar da dinâmica inerente à produtividade linguística.

Tomando a língua como estrutura maleável, não-arbitrária, isto é, icônica, a abordagem funcionalista admite que a *forma* é produto de fenômenos não-linguísticos, derivados de processos cognitivos.

Um componente importante da abordagem proposta pela gramática funcional passa a ser a incorporação de noções pragmáticas, relacionadas às escolhas que o usuário realiza no processo de construção de seus enunciados. Para Neves (1997, p. 21), “essa visão, que necessariamente relaciona padrões discursivos a padrões gramaticais, faz uma integração da pragmática na gramática.”

A consolidação das formas discursivas de alta produtividade é fruto do processo de gramaticalização. Esse fenômeno, verificável no comportamento comunicativo dos falantes, irradia-se a partir das significações das expressões linguísticas. Reside aí o alvo principal da abordagem funcionalista: investigar como tais significações se codificam gramaticalmente.

O princípio básico da teoria da gramaticalização tenta explicar essas trajetórias, acatando a concepção de classes a partir de uma ideia de prototipicidade dos itens verificada em seu efetivo comportamento. É clássica a definição de Hopper e Traugott (1993, p. XV), para quem a gramaticalização é “o processo pelo qual itens lexicais e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

“Outro” fenômeno que tem chamado atenção dos pesquisadores é a *discursivização*. Para estabelecer um contraponto entre *discursivização* e *gramaticalização*, poderíamos pensar que esta se caracteriza pelo movimento realizado por itens lexicais e construções sintáticas, no sentido de assumirem funções organizadoras do discurso e suas estratégias comunicativas; enquanto aquela se constitui no movimento de um item que passa a assumir funções pragmáticas atuantes na interação entre os usuários da língua.³

Furtado da Cunha, Costa e Cezário (2003, p. 50) afirmam que “quando algum fenômeno discursivo, em decorrência da frequência de uso, passa a ocorrer de forma previsível e estável, sai do discurso para entrar na gramática.” Mas o caminho inverso também pode ser percorrido: “quando determinado fenômeno que estava na gramática passa a ter comportamentos não-previsíveis, em termos de regras seletivas, podemos dizer que sai da gramática e retorna ao discurso”.

Para os autores, a *gramaticalização* pressupõe regularidade, estabilização, fixação. A frequência é, então, vista como questão *sine qua non* para que uma forma se estabilize e se cristalize numa determinada função. Assim, ela se torna previsível e sistemática. Mas o mesmo processo que proporciona a *cristalização* pode levar ao esvaziamento semântico de determinadas formas, que passam a difundir-se em pontos os mais inusitados no discurso, sem que atuem na organização textual. Cumprem, então, função especificamente discursiva, não reconhecendo restrições sintagmáticas para sua atuação. É assim que eles compreendem a *discursivização*.

Na concepção funcionalista, as necessidades interacionais dos falantes exercem pressões sobre o sistema, de forma contínua, o que inviabiliza a estabilidade tradicionalmente requerida às gramáticas das línguas naturais. A situação comunicativa, ao mesmo tempo que lança mão de estruturas fixas e restringidoras, também motiva, explica e reordena o contingente gramatical.

Em consequência dessa feição fluida, a gramática assume um permanente fazer-se, negando-se à estabilização. Daí, o conceito de *gramática emergente* proposto por Hopper (1987). Para esse autor, **não há gramática, há gramaticalização**, ou seja, o processo de *cristalização* de formas discursivas produtivas.

Como pressões diversas, de ordem sociocultural, comunicacionais e intencionais provocam constantes alterações no sistema, elas dificultam ou anulam as condições de estabilidade aos itens linguísticos. Por isso, a gramática se perfaz como produto das regularidades imprevisíveis. Gramática e discurso se associam, desse modo, sob a transigência de princípios icônicos subjacentes às produções discursivas, alterando formas e expandindo significados, numa atualização contínua e constante. Eis a flagrante emergência da gramática. (DU BOIS, 1985; HOPPER, 1991; GIVÓN, 1995)

Um estudo à luz da perspectiva da gramática emergente deve considerar, na visão de Bybee e Hopper (2001), duas questões: a) “que o analista examine o item em que está interessado apenas quando usado por falantes reais em contextos reais”; e b) “há a necessidade de que o item seja atestado por um bom número de ocorrências para que se confirme que realmente faz parte do repertório das estratégias discursivas dos usuários da língua”.

Sob essa ótica, entende-se que a gramática, numa perspectiva sincrônica, vai sempre se compor a partir de padrões regulares, mas não completamente fixos, à medida que padrões novos, ao se cristalizarem, re-formulam a estrutura linguística. Há, nesse fenômeno, a interposição de forças internas, de cunho linguístico, e de forças externas que estão sempre a reorganizar o sistema.

³ Em Silva (2005), baseado em Traugott, considero a *discursivização* como um estágio da *gramaticalização*.

Aspectos cognitivos e socioculturais que envolvem a interação e a comunicação através da linguagem verbal e dos fenômenos que lhe dizem respeito, tais como aquisição, evolução, variação e mudança são aportes imprescindíveis para o conhecimento da língua e de sua aparente regularização. Aparelhada por essas concepções, a ótica funcionalista permite que se reivindique a não-autonomia da gramática, alegando sua dependência em relação ao evento discursivo e a todo o aparato que gravita em seu entorno.

No entendimento de Givón (1995), os padrões postos à construção do discurso são fornecidos pela gramática, que vai emergencialmente variando e mudando. Dessa maneira, funções novas são realizadas por formas que continuamente se ajustam, inovando ou alargando seus significados. E isso tem tudo a ver com a gramaticalização.

3. Síntese da gramaticalização do *porém*

Nos dados do *corpus*, o *porém* se apresenta em dois contextos estruturais semelhantes aos do *mas*, que é o conector adversativo prototípico (cf. SILVA, 2005): ligando adjetivos, como ocorre no exemplo (05), e conectando orações, o caso de (06):

(05) Fechando o Lyceu Parahybano, o sr. Presidente do Estado inspirou-se tão só nos excessos que os moços praticaram esta semana, ao mesmo tempo que telegraphavam para o Rio exagerando as circunstancias do assassinato de Sady, facto realmente barbaro **porém** faciado, e que devia e deve correr por culpa exclusiva e pessoal de seu auctor. (A UNIÃO – Parahyba, 27 de setembro de 1923)

(06) No caso dos trabalhos de terraplenagem de acesso ao Poço, a Prefeitura de João Pessoa antecipou-se ou melhor, foi ao encontro das necessidades do municipio de Cabedelo, **porém** visando ao bem estar dos pessoenses que fazem uso sistemático da estrada. (A UNIÃO - João Pessoa, 18 de junho de 1972)

Entretanto, há no seu comportamento uma peculiaridade que o diferencia do *mas*: o *porém* é recorrentemente deslocado para a direita, ocupando posição no interior da oração, como em (07), podendo aparecer, inclusive, no seu final, como atesta a ocorrência (08):

(07) Os postulantes nas ruas, reunindo povo em concentrações que passam à história, como episódios retumbantes. Houve, **porém**, aquilo tudo que nenhum brasileiro ignora, em consequência do que se deram modificações marcantes no processo político da nação. (A UNIÃO – João Pessoa, 05 de outubro de 1966)

(08) Uma campanha que vise o incremento dessas culturas, só poderá encontrar acolhida favorável por parte dos lavradores. Ela cresce de importância, **porém**, se considerarmos que a guerra veio dificultar estremamente a produção dos gêneros alimentícios em outros países, antes produtores e exportadores. (A UNIÃO – João Pessoa, 13 de junho de 1942)

Assim, como o *porém* é frequentemente lançado para adiante, ocupa posição não-fronteiriça na frase ou parágrafo, não sendo usado após o ponto final. Além disso, nos dados da presente análise, o usuário não se arrisca a iniciar o parágrafo com esse conector. Mesmo apresentando essas limitações estruturais, o item ocupa a segunda posição no *ranking* dos conectores adversativos presentes no *corpus*, o que sinaliza a importância de sua presença para reforçar a intenção contrastiva das informações articuladas.

O deslocamento do *porém* para uma posição não-fronteiriça pode ser resquício de dois fatos: um linguístico e outro paralinguístico. Não seria incongruente atribuir essa mobilidade à manutenção de características de sua função original de advérbio, mostrando que o item não se desvincilhou de aspectos pertinentes à sua história gramatical e que, mesmo no exercício de uma nova função, continua a apresentar comportamentos denunciadores de uma memória da função anterior, fenômeno batizado por Hopper (1991) de *princípio da persistência*. Uma segunda explicação, que bem se assenta ao gênero discursivo editorial, poderia ser aventada como consequência do caráter prescritivo-normativista do ensino, o qual, tradicional e historicamente, tem condenado o uso do *porém* no início de frases, conforme noticia Bueno (1966).

Conseqüentemente, o usuário anteposiciona ao conector um outro elemento que evita sua posição fronteiriça à esquerda das orações ou frases, mobilizando-o para a direita, conforme ilustra a ocorrência a seguir, na qual o parágrafo principia pelo advérbio seguido do *porém*:

- (09) Na democracia, o normal é a luta, a disputa do poder pelos partidos. Os partidos se constituem em torno de um programa e lançam seus candidatos, que se comprometem a realizar aquele programa. O povo analisa, assim, o programa de cada partido, e o candidato que se propõe a realiza-lo, e faz sua opção. Excepcionalmente, **porém**, a democracia experimenta períodos de crise em que se torna conveniente, em benefício geral, uma trégua. (A UNIÃO – João Pessoa, 20 de maio de 1993)

Conforme já explicitado, diferentemente de *mas*, o item *porém* não é usado iniciando frases, tampouco parágrafos. A tabela a seguir apresenta um panorama da distribuição sintagmática das 36 ocorrências do *porém* no *corpus* pesquisado:

| posição | ocorrências | % |
|-------------------------------------|--------------------|------------|
| contrapondo adjetivos | 04 | 11,1 |
| fronteira entre orações | 03 | 8,3 |
| deslocado para o interior da oração | 28 | 77,8 |
| deslocado para o final da oração | 01 | 2,8 |
| Total | 36 | 100 |

Tabela 1: distribuição de *porém* quanto à posição estrutural

Termos de origem adverbial são recorrentemente apontados como fonte produtiva de itens conjuncionais. Uma observação mais demorada do papel desempenhado por esses itens leva à percepção da flexibilidade de limites entre seu valor sintático-semântico que se acomoda a uma função mais especificamente relacional. O

comportamento do item *porém*, no *corpus*, atesta essa dualidade funcional, que se revela explicitamente, em alguns contextos, e tacitamente em outros.

As características mais presentes nessa fluidez são a possibilidade de deixar-se acompanhar por um outro item conjuncional e a mobilidade que permite sua colocação em posições as mais variadas no interior da construção, conservando o escopo limítrofe da oração que o acolhe.

No *corpus*, o item mantém, em todas as ocorrências, seu valor opositivo, mesmo quando a função relacional parece sucumbir a uma manifestação dos resquícios adverbiais que perseguem seus usos. Mas é importante assinalar que a essa função opositiva são acumulados outros valores que podem ser indício de que o item venha a desenvolver novos papéis funcionais. É importante destacar que o *porém* é acionado em contextos onde emergem conotações aditiva, explicativo-causal, condicional e temporal.

Essas funções se revezam com outras de caráter mais voltado para a consecução da coesão textual, especificamente nos casos em que o *porém* se distancia da fronteira interoracional. Tais ocorrências podem ser indícios de um destes três (ou dos três) fatores atuando sobre o funcionamento do conector:

- a) o item se encontra em um ponto não discreto da trajetória que possivelmente o levará para o exercício de funções mais discursivas;
- b) seu comportamento é resquício de sua função adverbial, exercida na origem, cujo valor argumentativo chama a atenção para alterações que possam estar se processando na trajetória não-discreta do item;
- c) a persistência do papel adverbial, aludida em b, pressiona o conector para atuar na fomentação da sequenciação coesiva do texto.

Na trajetória de subjetivização aventada por Traugott (1982):

ideacional > textual > interpessoal

o *porém* teria experimentado apenas os dois primeiros estágios, uma vez que seus usos ainda servem, predominantemente, à função relacional opositiva, deslizando para a tarefa de organização do texto, quando seu papel opositivo é secundário.

Quanto ao uso estrutural mais gramaticalizado do *porém*, os dados apontam a colocação no interior da oração, onde se apresenta, na escrita, precedido pelo verbo e isolado por vírgulas.

Importa salientar, ainda, em relação à gramaticalização do *porém* como conjunção contrastiva, a manifestação do princípio da *persistência*, nos termos propostos por Hopper (1991), uma vez que o legado adverbial que o item conserva interfere fortemente em seu funcionamento, aparatando-o com alto poder de mobilidade.

Considerações finais

Tentei, neste artigo, analisar o comportamento do conector *porém* nos diversos contextos em que se apresenta, tendo como base textos de língua escrita.

A oposição acionada pelo papel relacional do *porém* apresenta, conforme amostras apresentadas, nuances funcionais que dão bem a ideia das possibilidades semânticas de que os itens linguísticos, em geral, são potencialmente condutores. As variabilidades interpretativas, alimentadas pelos contextos diversos em que os itens se inserem, podem proporcionar alterações semânticas mais ou menos importantes nos papéis funcionais desempenhados em situações diversas de uso linguístico.

Dessa forma, o caráter dinâmico da linguagem atinge itens lexicais e gramaticais e os deslocamentos sintático-semânticos observados não permitem que se conceba a gramática independente da maleabilidade e fluidez inerentes ao discurso, atrelando aquela a este - e vice-versa -, numa interdependência de aspectos que exigem da análise linguística a atenção holística que as práticas sociais merecem.

Assim, é possível desenhar, com propriedade, a trajetória de gramaticalização do porém, num caminho que vai do advérbio ao conector e o aceno a veredas que virtualizam um potencial valor discursivo.

Pelo exposto, posso afirmar que a análise realizada com o item *porém* constitui uma amostra do leque de papéis passíveis de atuação por um item aparentemente tão “invariável”, nuançando significações diversas, dependentes dos contextos e das configurações interpretativas que emolduram o discurso, ressaltando a amplitude que a pragmatização dos significados assume quando se considera o contexto em que as experiências interacionais se acomodam.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Terezinha Maria Mello. Processos semânticos verificados na constituição dos itens conjuncionais do português. In: Maria Elias Soares; Maria do Socorro S. Aragão (orgs.). *XVII jornada de estudos lingüísticos* (Anais). Vol. I. Fortaleza: UFC/GELNE, 1999.

_____. Observações sobre as conjunções no século XVI. In: Rosa Virgínia Mattos e Silva; Américo Venâncio L. Machado Filho (orgs.). *O Português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002.

BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. *Frequency and de emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa: vocábulos, expressões da língua geral e científica – sinônimos – contribuições do tupi-guarani*. Vol. 5. São Paulo: Saraiva, 1966.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuugesas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DU BOIS, John W. Competing motivations. In: J. Haiman (ed.). *Iconicity in syntax*. p. 343-365. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HOPPER, Paul J. Emergent grammar. In: *BLS*. Vol. 13, pp. 139-157, 1987.

_____. On some principles of grammaticization. In: Elizabeth Traugott e Bernd Heine (ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

_____; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1966.

PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

SILVA, Camilo Rosa. *Mas tem um porém...: mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos*. (Tese de Doutorado). João Pessoa: PPGEL/UFPB, 2005.

_____. Por uma gramática funcional. _____. (org.) *Ensino de português: demandas teóricas e práticas*. João Pessoa: Ideia, 2007.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: Winfred P. Lehmann and

Yakov Malkiel (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia:
John Benjamins, 1982.